

O desenvolvimento e a socialização do comportamento agressivo durante os cinco primeiros anos de vida

Kate Keenan, PhD

University of Chicago, EUA

Junho 2002

Introdução

Socializamos crianças para que desaprendam seus padrões de comportamento agressivo ao longo dos primeiros anos de vida. Na verdade, pode-se argumentar que a maioria das crianças não desenvolve problemas de agressividade porque se deparam com oportunidades de vivenciar intensas emoções negativas quando bebês, envolvem-se em agressões nos primeiros anos de vida, porém são desencorajadas de vários modos a repetir comportamentos inaceitáveis. Desde muito cedo na vida, os contextos sociais permitem que a criança desenvolva estratégias que aumentam sua capacidade de controle emocional, e servem como alternativas adaptativas à agressão. Quando obstáculos importantes impedem que a criança desenvolva tais estratégias, ela tende a um funcionamento emocional e comportamental abaixo do ideal, resultando em *deficits*

consideráveis em suas relações sociais com adultos cuidadores e com seus pares. Crianças em idade pré-escolar que não conseguem desenvolver estratégias adequadas à sua idade para regular seu comportamento agressivo têm alto risco de desenvolver comportamento antissocial e agressivo crônico.

Questão

Não há dúvida de que os cinco primeiros anos de vida envolvem experiências de desenvolvimento que constituem desafios significativos para as crianças e seus cuidadores. Nessa fase, a criança passa por inúmeras mudanças sociocomportamentais e cognitivas, entre as quais o desenvolvimento do autocontrole e da capacidade de tolerar a frustração. O surgimento de habilidades verbais cada vez mais sofisticadas, da autoconsciência e de comportamentos dirigidos a um objetivo contribuem para um forte impulso da criança em direção à independência. Ao mesmo tempo, os pais começam a impor regras e limites, tanto em resposta à recém-adquirida autonomia de seus filhos, quanto como parte natural do processo de socialização. Confrontos entre a autoafirmação da criança e os esforços dos pais para impor limites resultam em episódios mais frequentes de frustração e aborrecimento. Assim, algum grau de comportamento agressivo é muito comum no início da vida. Portanto, a maneira como fazemos distinção entre manifestações de agressão normativas e não normativas é uma meta clinicamente relevante e um objetivo cientificamente necessário para a investigação etiológica e a prevenção da violência.

Problemas

Definir o desenvolvimento problemático da agressividade nos anos pré-escolares tem sido uma tarefa controversa.¹ Mais precisamente, há um certo receio de utilizar rótulos ou conceitos inapropriados em termos de desenvolvimento. De fato, a literatura no campo da psicologia do desenvolvimento e da psicologia patológica define agressividade em termos muito amplos,² descrevendo um conjunto de comportamentos que vão de típicos e adaptativos a atípicos e não adaptativos. No entanto, cientistas e formuladores de políticas precisam de definições de atipicidade mais concisas e consistentes. No nível científico, a comparabilidade entre estudos é fundamental, e exige definições claras de problemas comportamentais graves. No nível de políticas, muitos profissionais preocupam-se com o risco de classificar como patológico um comportamento normal em termos de desenvolvimento. Apesar dessas controvérsias, crianças em idade pré-escolar que manifestam problemas comportamentais graves correm

grande risco de desenvolver comportamento problemático contínuo, e precisam de atendimento.

Contexto de pesquisas

Dispomos atualmente de dados empíricos sobre o surgimento precoce e alta taxa de agressividade em amostras normativas. Landy e Peters³ relataram manifestações de agressividade em resposta a emoções intensas (por exemplo, puxar o cabelo) em bebês de 5 meses de idade. Segundo Tremblay e colegas,⁴ aos 17 meses, cerca de 50% das crianças estudadas empurravam e 25% chutavam um parceiro social.

Recentemente, os esforços para compreender a etiologia de comportamentos antissociais e agressivos graves em crianças em idade escolar e em adolescentes têm gerado estudos sobre agressão atípica em crianças pequenas. Esses estudos apontam para a primeira infância como um período em que, pela primeira vez, manifestam-se *deficits* que podem ser críticos para o estabelecimento das bases do comportamento agressivo.⁵

Resultados de pesquisas recentes

Diversos estudos recentes estabeleceram definições bastante consistentes de agressão atípica na primeira infância. Por exemplo, Keenan e Wakschlag⁶ avaliaram frequência, gravidade e capacidade de disseminação de sintomas de conduta em pré-escolares encaminhados para atendimento clínico. Os sintomas mais comuns encontrados foram começar brigas, “*bullying*” e usar objetos para machucar outras crianças. Esses estudos estabeleceram formas de comportamento agressivo e níveis atípicos para a idade.

Ficou demonstrado também que problemas comportamentais precoces são relativamente estáveis ao longo do tempo, estabelecendo dessa forma que comportamentos atípicos não são necessariamente transitórios e não refletem apenas perturbações normais de desenvolvimento. Campbell e associados⁷ relataram que, ao atingir a idade escolar, crianças identificadas no período pré-escolar como “difíceis de lidar” manifestavam problemas comportamentais com muito maior frequência, inclusive agressividade, em comparação a grupos de controle. Keenan *et al.*⁸ demonstraram que a agressividade observada aos 18 meses correlacionou-se significativamente com distúrbios de externalização, segundo o DSM-III-R (Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais, 3ª ed. Revisada) aos 5 anos de idade. De fato, crianças pequenas que manifestam formas graves e difusas de agressividade demonstram níveis significativos de comprometimento social e, portanto, são significativamente mais propensas a

desenvolver problemas de saúde mental posteriormente.

A socialização do comportamento agressivo compreende um amplo espectro de processos. Idealmente, começa com a responsividade do adulto cuidador na primeira infância, e expande-se para incluir a socialização de controle comportamental, respostas empáticas e habilidades de resolução de conflitos.

Respostas inadequadas dos cuidadores a desequilíbrios emocionais e comportamentais em crianças pequenas parecem aumentar o risco de problemas posteriores de agressividade. Respostas inadequadas incluem respostas insuficientes (reações passivas ou desvinculadas) e respostas exageradas (reações ríspidas). Por exemplo, Shaw, Keenan e Vondra⁹ relataram que a falta de responsividade materna a um bebê exigente foi preditiva de problemas de comportamento disruptivo aos 3 anos de idade. Bates *et al.*¹⁰ avaliaram os resultados de pré-escolares “difíceis” e “não difíceis” no contexto de pais autoritários e passivos. Ao final da infância, pré-escolares difíceis com pais passivos apresentaram os piores resultados em termos de externalização subsequente de problemas, segundo relatos de pais e professores. Campbell e colegas⁷ relataram que observações de controle materno negativo e de autorrelatos maternos de técnicas disciplinares negativas aos 4 anos de idade foram preditivos de problemas de externalização aos 9 anos de idade, mesmo após controle para problemas comportamentais anteriores.

O estudo do efeito de práticas de socialização em crianças pequenas revelou também diferenças de gênero interessantes. Com efeito, no final do período pré-escolar, as taxas de agressividade são geralmente mais baixas no caso de meninas que de meninos.¹¹ Smetana¹² observou que mães reagiram às transgressões de suas filhas apontando as consequências que a transgressão teria sobre seus colegas, enquanto mães de meninos responderam com punição. Aos 3 anos de idade, o número de ocorrências de transgressões em meio aos meninos foi duas vezes maior do que em meio às meninas. Ross e colegas¹³ relataram que, no contexto de conflitos entre colegas, as mães de meninos apoiaram os próprios filhos três vezes mais do que as mães de meninas. Além disso, as mães mostraram-se propensas a não apoiar suas filhas quando seus direitos de propriedade haviam sido violados.

De modo geral, dados atuais sobre práticas parentais indicam que uma criança tem maior risco de desenvolver comportamento agressivo quando seu cuidador responde de maneira inadequada em relação a seu estágio de desenvolvimento, especialmente quando a criança já apresenta um

temperamento difícil. Além disso, os mesmos dados indicam que pode existir um mecanismo que leve a divergências nas taxas de agressividade aferidas entre meninos e meninas durante os cinco primeiros anos de vida.

Conclusões

A agressividade desenvolve-se cedo na vida. Assim sendo, a socialização do comportamento agressivo também começa cedo. Embora a maioria das crianças aprenda a inibir comportamentos agressivos, algumas se envolvem em agressões difusas, frequentes e graves. Ainda há debates sobre as formas pelas quais problemas precoces de comportamentos disruptivos, tais como a agressão, poderiam ser conceituados de maneira mais elaborada.

Quando comportamentos agressivos interferem no desenvolvimento de uma criança a tal ponto que ela seja convidada a deixar a pré-escola, que seja agressiva com as pessoas que cuidam dela, ou que não seja capaz de manter uma relação pró-social com um colega, parece haver crescente consenso de que esses comportamentos devem ser considerados atípicos. No entanto, é importante desenvolver métodos para avaliar de forma adequada e confiável desequilíbrios emocionais e comportamentais precoces, de modo que uma criança não precise esperar sofrer um impacto significativo em seu desenvolvimento para que receba atendimento.

Implicações para políticas e serviços

Cientistas do campo da psicopatologia do desenvolvimento depararam-se com uma oportunidade vital para promover avanços em políticas voltadas à saúde mental da criança. Novas pesquisas devem ser realizadas em relação a fatores que podem aparecer já na primeira infância, e que podem colocar a criança em risco para problemas comportamentais e emocionais subsequentes. Esse tipo de pesquisa pode ajudar a construir um impulso político para futuras aplicações em psicopatologia do desenvolvimento. Os dados atuais indicam que a maioria das crianças deixa de apresentar problemas de comportamento. Portanto, o período pré-escolar pode ser visto como a melhor ocasião para incentivar comportamentos pró-sociais nas crianças e inculcar padrões ótimos de resposta para um desenvolvimento social saudável. No entanto, estudos do desenvolvimento da criança e do comportamento dos pais devem começar durante a gravidez, de modo que fatores ambientais possam ser analisados individualmente e de forma interativa ao longo do tempo. Essa abordagem de pesquisa reconhece o enorme potencial de mudança na primeira infância, podendo também levar a uma abordagem mais aprimorada para orientar os

caminhos do desenvolvimento da criança em direções mais positivas.

Refêrencias

1. Campbell SB. Behavior problems in preschool children: A review of recent research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines* 1995;36(1);113-149.
2. Tremblay RE. The development of aggressive behaviour during childhood: What have we learned in the past century? *International Journal of Behavioural Development* 2000;24(2);129-141.
3. Landy S, Peters RD. Toward an understanding of a developmental paradigm for aggressive conduct problems during the preschool years. In: Peters RD, McMahon RJ, Quinsey VL, eds. *Aggression and violence throughout the life span* Thousand Oaks, CA: Sage Publications;1992:1-30.
4. Tremblay RE, Japel C, Perusse D, McDuff P, Boivin M, Zoccolillo M, Montplaisir J. The search for age of "onset" of physical aggression: Rousseau and Bandura revisited. *Criminal Behavior and Mental Health* 1999;9(1);8-23.
5. Keenan K. Uncovering preschool precursors to problem behavior. In: Loeber R, Farrington DP, eds. *Child delinquents: development, intervention, and service needs*. Newberry Parc, CA: Sage Publications;2001:117-136.
6. Keenan K, Wakschlag LS. More than the terrible twos: The nature and severity of disruptive behavior problems in clinic-referred preschool children. *Journal of Abnormal Child Psychology* 2000;28(1);33-46.
7. Campbell SB, Pierce EW, Moore G, Markovitz S, Newby K. Boys' externalizing problems at elementary school age: Pathways from early behavior problems, maternal control, and family stress. *Development and Psychopathology* 1996;8(4);701-719.
8. Keenan K, Shaw DS, Delliquadri E, Giovannelli J, Walsh B. Evidence for the continuity of early problem behaviors: Application of a developmental model. *Journal of Abnormal Child Psychology* 1998;26(6);443-454.
9. Shaw DS, Keenan K, Vondra JI. Developmental precursors of antisocial behavior: Ages 1 to 3. *Developmental Psychology* 1994;30(3);355-364.
10. Bates JE, Pettit GS, Dodge KA, Ridge B. Interaction of temperamental resistance to control and restrictive parenting in the development of externalizing behavior. *Developmental Psychology* 1998;34(5);982-995.
11. Keenan K, Shaw D. Developmental and social influences on young girls' early problem behavior. *Psychological Bulletin* 1997;121(1);95-113.
12. Smetana JG. Toddlers' social interactions in the context of moral and conventional transgressions in the home. *Developmental Psychology* 1989;25(1);499-508.
13. Ross H, Tesla C, Kenyon B, Lollis S. Maternal intervention in toddler peer conflict: The socialization of principles of justice. *Developmental Psychology* 1990;26(6);994-1003.